



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A RELEVÂNCIA DOS MODELOS LILÁS PARA A INTERVENÇÃO NA ÁREA DA VIOLÊNCIA DE GÉNERO EM AMBIENTES DE LAZER NOTURNO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Maria Carlota da Cunha Guedes Freire Themudo

Porto, Julho 2024



CATOLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A RELEVÂNCIA DOS MODELOS LILÁS PARA A INTERVENÇÃO NA ÁREA DA VIOLÊNCIA DE GÉNERO EM AMBIENTES DE LAZER NOTURNO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Maria Carlota da Cunha Guedes Freire Themudo

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Cristiana Vale Pires

Porto, Julho 2024

Agradecimentos

Aos meus pais, irmãos e avós, pelo suporte, apoio incondicional e amor. São o meu maior exemplo, e sem eles este percurso não teria sido possível.

Ao Zé, pela paciência e por me mostrar sempre o lado positivo das coisas.

Aos meus amigos e família, por toda a amizade, não só nesta etapa, mas ao longo dos anos.

Às minhas amigas desde que me lembro, pelo suporte, amor e apoio desde sempre.

Às minhas companheiras de faculdade – Inês, Kika e Bebas-, por fazerem destes cinco anos melhores.

À Professora Cristiana Vale Pires, pela partilha de conhecimentos, acompanhamento e confiança depositada em mim ao longo da dissertação.

A todos os professores da Faculdade de Educação e Psicologia, por partilharem tudo o que sabiam e nos acompanharem sempre de perto.

Resumo

A violência de género em ambientes de lazer noturno e festivais de grande dimensão é algo que surge com frequência, tornando-se por isso relevante investigar a eficácia de protocolos de intervenção e prevenção nesta área. Os Modelos Lilás surgem no âmbito desta problemática com o propósito de intervir, prevenir e responder à violência de género nestes contextos. Assim, esta investigação teve como objetivo analisar criticamente, a utilidade e a relevância destes modelos.

O estudo adotou uma abordagem exploratória mista, envolvendo análise documental, grupos de discussão com profissionais em Barcelona e análise de fichas de ocorrência em festivais que ocorreram em Portugal.

Os principais resultados revelaram que a implementação dos Modelos Lilás são essenciais para fornecer apoio imediato a vítimas, promover a sensibilização pública sobre a violência de género e melhorar a segurança em eventos. No entanto, desafios significativos como a falta de recursos e a coordenação entre os diferentes setores limitam a eficácia das intervenções. Assim, o estudo destaca a necessidade de formação contínua e campanhas de sensibilização para prevenir a violência a longo prazo e os resultados sugerem que sejam implementadas melhorias na coordenação intersectorial para aumentar a eficácia dos protocolos implementados.

Palavras-chave: Modelos Lilás, Violência de género, Prevenção, Intervenção, Ambientes de lazer noturno e festivais

Abstract

Gender-based violence in nightlife setting and large-scale festivals is a frequent occurrence, making it relevant to investigate the effectiveness of intervention and prevention protocols in this area. The Lilac Models emerge in this context with the purpose of intervening, preventing and responding to gender-based violence in these settings. Thus, this investigation aimed to critically analyze the utility and relevance of these models.

The study adopted a mixed exploratory approach, involving document analysis, discussion group with professionals in Barcelona, and analysis of incident reports from festivals held in Portugal.

The main results revealed the implementation of the Lilac Models are essential for providing immediate support to victims, promoting public awareness about gender-based violence, and improving safety at events. However significant challenges such as lack of resources and coordination between different sectors limit the effectiveness of interventions. Thus, the study highlights the need for continuous training and awareness campaigns to prevent violence in the long term and the results suggests that improvements in intersectoral coordination be implemented to enhance the effectiveness of the protocols.

Keywords: Lilac Models, Gender-based violence, Prevention, Intervention, Nightlife settings and festivals

Índice

<i>Introdução</i>	7
<i>Enquadramento teórico</i>	10
<i>Metodologia</i>	16
• <i>Análise documental</i>	17
• <i>Focus Group</i> com profissionais em Barcelona.....	17
• Fichas de ocorrência referentes à implementação do Protocolo Lilás (<i>Lilac Care</i>) em festivais de grande dimensão em Portugal.....	19
<i>Resultados</i>	20
• Pesquisa documental	20
• <i>Focus group</i> com profissionais em Barcelona.....	21
• Ficha de ocorrências referentes à implementação do Protocolo Lilás	26
<i>Discussão</i>	29
<i>Conclusão</i>	34
<i>Anexos</i>	43
Anexo 1. Guião <i>focus group</i>	43
Anexo 2. <i>Template</i> fichas de ocorrências.....	47
Anexo 3. Fichas de ocorrências.....	52
Anexo 4. <i>Focus group</i> análise NVivo	54

Introdução

A violência de género refere-se a um tipo de violência direcionada a uma pessoa com base no seu género ou expressão de género, e que afeta de forma desproporcional as pessoas de um determinado género, em particular as mulheres (EIGE, 2021). Esta engloba qualquer forma de violência seja ela física, sexual, psicológica ou económica e é resultante de uma desigualdade de poder entre homens e mulheres e da discriminação de género (Heise, Ellsberg & Gottemoeller, 1999). A violência de género ocorre devido a normas sociais, estereótipos e papéis de género que perpetuam a discriminação e a subordinação do sexo feminino (World Health Organization, 2002).

A violência sexual, é caracterizada por qualquer tipo de atividade sexual não consentida em que um indivíduo é forçado ou coagido a envolver-se em atos sexuais sem o seu consentimento ou contra a sua vontade (World Health Organization, 2002). Este tipo de violência pode envolver o uso de violência física, ameaças, coerção psicológica, abuso de poder ou outras formas em que seja imposta pressão para a atividade sexual (Campbell, 2008). A violência sexual não está limitada a um grupo de pessoas, pelo contrário, pode afetar indivíduos de todos os géneros, idades e contextos socioeconómicos (World Health Organization, 2002) e surge devido a situações de desigualdade de poder e normas sociais que perpetuam a violência e a discriminação de género (Heise, Ellsberg & Gottemoeller, 1999).

As agressões sexuais facilitadas por drogas (na sequência de consumos voluntários ou involuntários) em ambientes de lazer noturno dizem respeito a um fenómeno que tem levantado uma preocupação crescente (Prego-Meleiro et. al., 2019). Nestes contextos a violência sexual tanto acontece quando existe penetração não consentida que envolva a administração forçada ou encoberta de uma substância incapacitante ou desinibidora por um agressor, para efeitos de agressão sexual grave; como a atividade sexual de um agressor com uma vítima que esteja profundamente intoxicada pelos seus próprios atos, ao ponto de ficar quase ou mesmo inconsciente (ACDM 2007 in Pompidou Group 2017).

Sendo uma forma de violência de género, a violência sexual reproduz uma desigualdade de poder entre indivíduos, sendo que por norma esta desigualdade resulta numa desproporcionalidade entre homens e mulheres e as mulheres são afetadas e alvo de violência (Heise, Ellsberg & Gottemoeller, 1999; World Health Organization, 2002);

ambos os tipos de violência possuem um impacto significativo nas vítimas causando trauma psicológico, danos físicos e emocionais, problemas de saúde mental e dificuldades sociais (Campbell, 2002; World Health Organization, 2002). Por fim, estas formas de violência são reproduzidas e normalizadas por normas sociais, estereótipos e papéis de género que reforçam a discriminação e a subordinação das mulheres (Heise, Ellsberg & Gottemoeller, 1999; World Health Organization, 2002).

Esta desigualdade é perpetuada e aceite como normal de acordo com padrões sociais, estereótipos e práticas discriminatórias, limitando assim, a liberdade e o desenvolvimento das mulheres (Sen, 1999); bem como o impedimento destas no alcance do seu potencial máximo, afetando várias esferas das suas vidas, nomeadamente no mercado de trabalho, participação política, acesso a educação, saúde e vitimação de género (Connell, 2019). Este tipo de violência encontra-se enraizado nas estruturas sociais e culturais em que se perpetua a desigualdade entre homens e mulheres. Existe uma violação dos direitos humanos e a manifestação de relações de poder e o domínio dos homens sobre as mulheres. Isto causa consequências graves e duradouras na saúde e bem-estar destas (Bourdieu, 2018). Podemos assim concluir que estas desigualdades são transversais a inúmeros contextos sociais. No sentido de as reverter, a igualdade de género é um dos objetivos da agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. Desta forma, pretende-se “acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas, em todos os contextos; eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas (...)” (Organização das Nações Unidas, 2021, secção “Objetivo 5: Igualdade de Género”).

Os ambientes de lazer noturnos como bares, discotecas e festivais são contextos que tendem a reproduzir a desigualdade estrutural de género e respetivos padrões e expectativas hegemónicas que definem os comportamentos diferenciados entre homens e mulheres numa sociedade, cultura e comunidade num determinado momento histórico (EIGE, 2021). Tradicionalmente, estes espaços têm sido dominados pelos homens, servindo como contextos que reforçam o seu domínio da participação da esfera pública (Almeida, 1995; Thomasset, 2018; Hunt et al., 2019 in Plaza, Ferrer & Pires, 2022).

Tal como referido por Pires, Pereira, Valente & Carvalho (2018), a desigualdade de género em contextos festivos manifesta-se em práticas e comportamentos sexistas que tendem a ser amplificados pelo consumo de substâncias psicoativas (Pires et al., 2018). As mulheres que frequentam estes contextos e que consomem substâncias psicoativas são percebidas como mais acessíveis e sexualmente disponíveis. Por esse motivo, apesar da

feminização destes contextos, tende a persistir a normalização e trivialização das suas experiências de assédio sexual – “qualquer forma de comportamento indesejado de carácter sexual, verbal, não verbal ou físico, com o objetivo ou o efeito de violar a dignidade de uma pessoa, em especial quando cria um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo” (artigo 40.º da Convenção de Istambul in Conselho da Europa, 2011). Há também um número crescente de evidências que demonstram que as mulheres são desproporcionalmente afetadas por situações de violência sexualizada nestes contextos sendo esta principalmente perpetrada por homens (Plaza, Ferrer & Pires, 2022).

Torna-se por isso importante implementar campanhas de prevenção de agressões sexuais em contextos festivos através da educação informal e não formal investido em ações de apoio à vítima e ações de educação que visem os principais responsáveis pela violência sexual – os agressores (Pires et al., 2018). Nos últimos anos têm vindo também a ser implementados modelos de intervenção vocacionados para a prevenção, deteção e resposta a situações de violência de género em eventos de grande dimensão. Estas iniciativas tendem a ser designadas por Pontos Lilás ou protocolos de cuidado Lilás, sendo que a cor lilás ilustra as situações de crise relacionadas com violência e discriminação de género que podem ocorrer nestes contextos (Pires, 2022; Pompidou Group 2017). Nesta dissertação vamos designar e referir-nos a estas abordagens como “Modelos Lilás”.

Assim este estudo torna-se pertinente por pretender responder à questão “Quais os modelos interventivos e metodológicos que regem a intervenção dos Modelos Lilás e de que forma é que estes contribuem para melhorar as condições de saúde e bem-estar das pessoas que frequentam eventos de lazer noturno de grande dimensão?”

A estrutura deste projeto de dissertação passa por um enquadramento teórico do tema, onde serão abordados conteúdos como a definição violência de género, violência sexual e as suas similaridades, os contextos em que podem ser perpetradas e a abordagem interventiva dos Modelos Lilás, suportado por estudos empíricos. De seguida, será descrita a metodologia a ser utilizada, bem como a sua fundamentação. Será ainda de realçar a presença das questões de investigação, os instrumentos utilizados e também os procedimentos de recolha e análise de dados.

Enquadramento teórico

A violência de género tende a persistir em ambientes de lazer noturno devido às normas sociais sexistas e duplos padrões de género. Estes tendem a ser mais facilmente expressos em comportamentos de assédio ou violência de género devido à impulsividade e desinibição propiciada por estes ambientes e pelos efeitos psicofarmacológicos das substâncias psicoativas (Pires et al., 2018). Por esse motivo, comportamentos que seriam inaceitáveis e socialmente reprováveis em contextos diurnos são mais tolerados e tendem a ser trivializados nestes contextos (Pires et al., 2018).

Tal como referido anteriormente, os ambientes de lazer noturnos e festivais reproduzem e, em alguns casos, promovem comportamentos sexistas e normalizam o assédio sexual (Pires et al., 2018). No contexto da violência de género, a violência sexual é um fenómeno que tem vindo a ser crescentemente visibilizado nos contextos de lazer noturno, conhecidos por permitirem dinâmicas de desinibição relacionadas com o consumo de álcool e outras drogas e que podem facilitar comportamentos opressivos (Pires et al., 2018). Dados do relatório de investigação do projeto *Sexism Free Night* demonstram que os tipos de violência sexual mais frequentemente testemunhados em ambientes de lazer noturno foram: “piadas sexistas de natureza sexual” (72%); “olhares sexualizados/erotizados e indesejados” (70%); “comentários sexuais indesejados” (60%); “insistência de outra pessoa em recusar” (54%); “invasão contínua do espaço pessoal” (53%); e “toques indesejados” (51%) (Plaza, Ferrer & Pires, 2022). Além disso, é referido que as mulheres, as pessoas transgénero e com identidade de género não-binária tendem a ser afetadas de forma desproporcional – tanto em termos de prevalência como em termos de frequência – por estes comportamentos de assédio e violência sexualizada de maior ou menor intensidade, enquanto os homens aparentam ter uma maior dificuldade em identificar estes tipos de violência sexual (Plaza, Ferrer & Pires, 2022).

Nestes contextos, as normas dominantes de masculinidade e feminilidade encontram-se associadas a uma enorme desigualdade de género principalmente no que diz respeito ao risco de as mulheres serem vítimas de violência sexual de maior ou menor intensidade (Noctambul@s, 2016). São também espaços em que o consumo de substâncias psicoativas se encontra exacerbado levando a uma maior desinibição que favorece interações sexualizadas (Pires et al., 2018).

O álcool, contrariamente a outras substâncias psicoativas, é uma substância socialmente aceite cujo consumo é encorajado em alguns contextos, como é o caso dos

ambientes de lazer noturno (Dawgert, 2009) e também associado a situações de violência sexual. O consumo de álcool não é, por si só, a causa da violência sexual. No entanto, existe uma permissividade social em relação à violência sexual que ocorre em ambientes noturnos de consumo de álcool (Noctambul@s, 2016). Os comportamentos de assédio e violência sexual têm assim a ver com a complexa relação entre os efeitos cognitivos e farmacológicos desta substância com as características individuais – personalidade, crenças acerca do consumo de álcool e sexo – e a adesão a normas sociais e culturais tradicionais sobre género (Wall & Quadara, 2014). Como resultado, alguns dos efeitos associados ao consumo de álcool proporcionam uma maior facilidade de interação entre agressores e vítimas, tais como: o aumento de confiança; a expressão de características interpessoais – agressividade, sociabilidade, sedução – e emocionais – alegria, tristeza –; a capacidade de analisar situações e de decidir; a desinibição; dificuldade nos processos de negociação sexual – comunicação verbal e não-verbal –; e dificuldade na identificação de risco.

Mecanismos físicos e psicológicos inibidores de agressão podem ser afetadas pelo uso de álcool e outras substâncias psicoativas pelos agressores (Starfelt et al., 2015), podendo aumentar a vulnerabilidade química e a possibilidade de ocorrerem situações de violência sexual facilitadas por drogas.

O consumo voluntário prévio é entendido socialmente como atenuante da culpa do agressor e agravante para a culpa da vítima por surgirem dúvidas em relação ao consentimento. A alegada falta de comunicação explícita é utilizada para desculpabilizar o agressor e culpabilizar a vítima porque esta não foi clara na sua recusa (Noctambul@s, 2016). Assim, a culpabilização da vítima diz respeito à transferência da culpa de um evento de violência de género para a vítima, por norma uma mulher, que tem como foco o seu comportamento, em vez das causas estruturais e desigualdades subjacentes à violência perpetrada contra a vítima (ONU mulheres, 2021). Por outro lado, existem também casos em que ocorre a submissão química, que se refere a um crime sexual facilitado pelo uso de drogas psicoativas sem o consentimento das vítimas para que esta fique num estado de consciência alterado e, conseqüentemente, incapaz de resistir ou consentir em atividades sexuais. A administração pode ser feita de forma oportunista, em que o agressor aproveita o estado de vulnerabilidade química da vítima para a agredir sexualmente. A administração não consentida de substâncias psicoativas também pode ser feita de forma proativa ou premeditada que acontece quando o agressor planeia previamente usar determinada substância sem o consentimento da vítima para a submeter

quimicamente (Panyella-Carbó & Martin-Fumadó, 2018). De acordo com os dados do projeto *Sexism Free Night*, as mulheres reportam uma maior prevalência de situações de submissão química oportunista – 32,7% –, seguidas das pessoas transgénero e identidades de género não binárias – 26,5% – e por fim os homens – 11,4% (Plaza, Ferrer & Pires, 2022).

Em contextos de lazer como festivais, as normas dominantes de masculinidade e feminilidade agravam a desigualdade de género principalmente no que diz respeito ao risco de as mulheres serem vítimas de violência sexual de maior ou menor intensidade (Noctambul@s, 2016). Adicionalmente, prevalece a reprodução de mitos de violação que consistem em crenças estereotipadas sobre a violência sexual, que por norma, tendem a culpabilizar a vítima por não se ter protegido ou por se ter exposto e a desculpabilizar o agressor com base numa impulsividade sexual e hipersensibilidade biológica masculina (Bohner et al., 2009).

Por esse motivo, nestes ambientes as mulheres tendem a manifestar o que Mardorossian (2002, 759) define como autopanotismo, em que as mulheres interiorizam “um sistema individualizado e interiorizado de vigilância, pelo qual, cada mulher se torna vigilante de si própria” (Mardorossian, 2002 in Pires et al., 2018). Reproduzem-se, assim, assimetrias de género que impõem às mulheres uma maior moderação, autocontrolo e autovigilância desconsiderando-se o papel ativo e determinante do agressor.

Intervenção em ambientes de lazer noturno – da redução de riscos aos Modelos Lilás

No que diz respeito à intervenção em ambientes de lazer noturno, as intervenções de redução de riscos e intervenção em situações de crise psicológica têm-se mostrado relevantes e eficazes na minimização dos riscos e os danos associados ao consumo de drogas.

O modelo de redução de riscos pretende a minimização dos danos e riscos associados ao consumo de drogas com o objetivo de proteger a saúde e bem-estar dos consumidores e da comunidade em geral (Hughes & Stevens, 2010). Este modelo reconhece que a proibição total deste consumo não é eficaz em ambientes recreativos, por isso, pretende apenas a minimização dos riscos associados ao mesmo (MacMaster & Bertrand, 2018).

O modelo de intervenção na crise psicológica relacionada com o consumo de drogas propõe uma intervenção imediata para reduzir o risco de danos relativos à saúde e promover a segurança dos indivíduos envolvidos. Desta forma, reconheceu-se que uma

abordagem rápida e eficaz para auxiliar as pessoas que consomem em ambientes recreativos se tornou a mais eficiente nestes contextos (Carvalho et al., 2014; Tuten & Jones, 2015).

Assim, estas assimetrias e a normalização das situações de violência sexual em contextos festivos – espaços privilegiados de lazer nos quais a diversão noturna representa uma rutura da vida quotidiana, oferecendo oportunidades de socialização e procura ativa de prazer (Hollands, 1995; Goulding & Shankar 2011) – devem ser contrariadas e intervencionadas juntos dos potenciais agressores, vítimas, *bystanders* e promotores destes eventos. Através de estratégias para a criação de um ambiente noturno mais seguro e igualitário livre de assédio sexual e violência de género, tais como formação de *staff*, campanhas de sensibilização e modelos de intervenção *bystander* (Pires, Carvalho & Carvalho, 2022).

A formação do *staff* destes estabelecimentos passa por transmitir informações sobre o que é o assédio sexual para que estes indivíduos possam reconhecer, intervir e prevenir este fenómeno de forma eficaz. Desta forma o *staff* deve estar capacitado para lidar com vítimas de forma sensível e empática, bem como oferecer o suporte necessário. Além disso, a presença de uma cultura organizacional que valorize não só a igualdade de género como o respeito mútuo entre os/as funcionários/as independentemente do cargo e posição na empresa. Esta estratégia pode ser incentivada através da implementação de políticas internas de promoção da igualdade de género e a participação dos/das funcionários/as em atividades de sensibilização e formação (Pires, Carvalho & Carvalho, 2022).

A segunda estratégia diz respeito a campanhas de sensibilização que têm como objetivo sensibilizar o público em geral para os temas relacionados com o assédio sexual e a discriminação, fornecendo informações sobre recursos e procedimentos disponíveis para as vítimas. Estas campanhas visam capacitar e sensibilizar o *staff* e os indivíduos frequentadores destes estabelecimentos para que estes/as possam agir de forma rápida e apropriada nestas situações (Pires, Carvalho & Carvalho, 2022)

Por fim, os modelos de intervenção *bystander* pretendem encorajar os/as indivíduos frequentadores/as e os funcionários/as destes espaços a agirem como espetadores/as ativos/as e intervirem em situações de potencial assédio como forma não só de prevenção, mas também de atuação em situações em que realmente o assédio se encontra presente. Assim, pretende-se que exista uma cultura de cuidado e prevenção de assédio sexual através da capacitação dos indivíduos para lidar com as situações de

emergência e violência de género tornando estes espaços mais seguros e igualitários (Pires, Carvalho & Carvalho, 2022)

Devido à necessidade de combater e prevenir situações de assédio e violência sexual surgiram os Pontos Lilás. Estes surgiram em Espanha – “Punts Lila” – com o principal objetivo de combater a violência sexual em eventos de lazer noturno como festas e festivais. Este emergiu de forma a oferecer um serviço de atenção e acompanhamento para vítimas de violência sexual e estratégias de prevenção envolvendo a sensibilização e formação do público em geral (Rodríguez, 2019). Enquanto em Espanha as equipas implementadoras se focaram mais no *awareness*/sensibilização e psicoeducação, relativamente a este tema, em Portugal a intervenção tem também incorporado o apoio à crise psicológica. O Protocolo Lilás em Portugal foi implementado durante um festival universitário de grandes dimensões, a Queima das Fitas do Porto em 2019, conhecido por promover uma cultura sexista e de violação que promove incidentes de violência sexual alegadamente ocorridos durante ou após o evento. Além disso, também foi implementado no NOS Primavera Sound no Porto em 2019 (Mutatayi et al., 2019)

O Protocolo Lilás foi desenvolvido no âmbito da “Sexism Free Night” em parceria com a associação Kosmicare¹(Pires et al., 2018). Este protocolo reforçou o trabalho da Kosmicare em festivais, expandindo as suas atividades de sensibilização e apoio a crise psicológica através da implementação de práticas específicas para cuidar de pessoas que experienciaram algum tipo de violência de género durante o evento (Pires, 2022).

Os principais objetivos do protocolo implementado nos Pontos Lilás passam por: “sensibilização e educação para a igualdade de género, prevenção da violência de género, intervenção *bystander*, redução de riscos e psicoeducação para padrões mais seguros de consumo de álcool e drogas; detetar e responder a situações de crise relacionadas com a violência sexual e outras formas de violência baseada no género, crises de saúde relacionadas com o consumo de álcool ou outras drogas, ou o aumento da vulnerabilidade social”. Adicionalmente, pretende encaminhar os utentes com traumas e desconforto psicológico relacionados com a experiência de violência sexual para centros especializados neste tipo de violência (Pires et al., 2018). O Protocolo Lilás também pretende prevenir a violência de género, por meio de atividades de conscientização e sensibilização, incluindo campanhas de sensibilização nos *media* e eventos públicos.

¹ Organização não-governamental portuguesa especializada na implementação de serviços de redução de riscos em ambientes de lazer noturno. Mais informação sobre esta organização disponível em: www.kosmicare.org

Estas são respostas relativamente recentes e ainda em desenvolvimento, pelo que esta investigação se propõe investigar “Quais os modelos interventivos e metodológicos que regem a intervenção dos Modelos Lilás e de que forma é que estes contribuem para melhorar as condições de saúde e bem-estar das pessoas que frequentam em eventos de lazer noturno de grande dimensão?”, através da análise documental, análise das perspetivas de profissionais sobre a implementação dos Pontos Lilás na Catalunha (Espanha) e da análise de fichas de ocorrências referentes à implementação do Protocolo Lilás em festivais de grande-dimensão em Portugal pretende-se discutir e refletir criticamente sobre a relevância e experiência interventiva destas abordagens.

Metodologia

Tendo em conta a recente emergência e implementação dos Modelos Lilás de intervenção em eventos de lazer noturno e festivais de grande dimensão, este estudo tem como objetivo geral contribuir para a avaliação e discussão crítica sobre a utilidade e relevância dos Modelos Lilás de intervenção para a prevenção, deteção e resposta a situações de violência sexual e outras formas de violência em ambientes de lazer noturno e festivais de grande dimensão. Em específico pretende-se:

- Analisar e descrever os modelos interventivos e metodológicos subjacentes à intervenção das iniciativas e Protocolos Lilás
- Descrever de forma crítica o perfil de competências e recursos de intervenção necessários à implementação deste tipo de abordagem bem como os seus desafios e limitações
- Analisar criticamente a relevância deste tipo de intervenção para a melhoria das condições de segurança e bem-estar em eventos de grande dimensão

De forma a atingir estes objetivos, o presente estudo analisou dados relativos à implementação de duas abordagens de intervenção: a implementação de Pontos Lilás em Barcelona e a implementação do Protocolo Lilás em festivais de grande dimensão em Portugal. A ideia original para este estudo era implementar um grupo de discussão com profissionais que estivessem envolvidas com a Kosmicare na implementação do Protocolo Lilás. No entanto, tal não foi possível devido à incompatibilidade de horários com os participantes por serem indivíduos de vários países.

Desta forma, optou-se por uma abordagem alternativa que permitisse analisar e refletir sobre a implementação dos Modelos Lilás. Esta investigação seguiu uma abordagem exploratória mista envolvendo análise documental, análise de um *focus group* implementado com profissionais a intervir em Barcelona e a análise de fichas de ocorrência relacionadas com a implementação do Protocolo Lilás em festivais de grande dimensão em Portugal. Através de uma abordagem qualitativa exploratória torna-se possível analisar fenómenos pouco conhecidos ou pouco estudados (Hignett & McDermott, 2015), sendo neste caso aplicada à análise dos modelos de intervenção proposto pela abordagem dos Modelos Lilás.

- **Análise documental**

Para descrever as abordagens metodológicas associadas aos modelos de intervenção Pontos Lilás, este estudo focou-se na análise dos protocolos de atuação dos Pontos Lilás implementados em Barcelona e do Protocolo Lilás implementado pela Kosmicare em festivais de grande dimensão em Portugal. Através desta análise documental, pretende-se analisar as dimensões centrais associadas a este tipo de intervenção, bem como as suas especificidades tendo em conta o contexto de intervenção, neste caso a sua implementação em contexto urbano – Pontos Lilás em Barcelona – e em festivais de grande dimensão – Protocolo Lilás em Portugal.

- **Focus Group com profissionais em Barcelona**

Nesta investigação foi também analisado um *focus group* implementado no âmbito do projeto CRISSCROSS², um projeto europeu, coordenado em Portugal pela Associação Kosmicare e financiado no âmbito do programa *Citizenship, Equality, Rights and Values* da Comissão Europeia.

O uso *de focus group* privilegia as perspetivas, significados e visões subjetivas dos participantes, sendo o estudo do fenómeno feito através da perspetiva dos participantes (Creswell, 2007). Esta metodologia foi implementada por forma a obter uma compreensão mais aprofundada da abordagem metodológica em questão, para a identificação de novos tópicos e questões de pesquisa ao longo do estudo e a recolha de dados no próprio ambiente e em tempo real fornecendo uma melhor interpretação do fenómeno em estudo (Hignett & McDermott, 2015).

O projeto CRISSCROSS desenvolveu uma investigação qualitativa para a identificação das experiências, normas e estereótipos de género relacionados com o consumo de substâncias psicoativas e com a frequência de ambientes de lazer noturno. Em termos metodológicos, a investigação baseou-se na implementação de grupos de discussão e entrevistas coletivas com jovens (18-24 anos) e profissionais nas cinco cidades envolvidas neste consorcio (Porto, Barcelona, Luxemburgo, Dublin e Milão).

Neste estudo, é apenas analisado o grupo de discussão implementado com profissionais em Barcelona. A utilização dos dados deste grupo de discussão teve a ver com os objetivos do projeto, mas também com o facto apenas neste se discutir entre

² Mais informação sobre este projeto disponível em: www.crisscrossproject.eu

profissionais a relevância dos Pontos Lilás na cidade. O Ponto Lilás é uma abordagem implementada de forma generalizada nos eventos de lazer noturno em Barcelona, contando com apoio financeiro do município.

Os *focus groups* permitem a recolha de dados acerca de uma problemática, através do levantamento das atitudes e perceções dos/das participantes em relação ao tópico em estudo permitindo ao/à investigador/a obter insights sobre o comportamento humano e dinâmica social (Coutinho, 2014). Neste caso, pretendeu-se analisar os estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas, além de perceções e experiências de violência e assédio baseados no género em ambientes noturnos, sendo que para os objetivos deste estudo se utilizou apenas a informação referente à implementação do Ponto Lilás em Barcelona. O tipo de amostragem utilizada foi do tipo não probabilístico por conveniência por ter sido considerado o método de seleção mais indicado para esta amostra (Coutinho, 2014).

A análise dos dados foi realizada através de uma análise exploratória com o suporte do software NVIVO.

O guião deste *focus groups* (anexo 1) incluiu questões relacionadas com: 1) as experiências de violência de género entre jovens em ambientes de lazer noturno; 2) estereótipos de género relacionados com o consumo de substâncias psicoativas; 3) boas práticas na prevenção, deteção e resposta a situações de violência de género em ambientes de lazer noturno. Deste *focus group* surgiu a possibilidade de analisar as experiências de implementação do Ponto Lilás em Barcelona, demonstrando que flexibilidade na condução de um *focus group* é uma vantagem por permitir insights mais aprofundados e levar o/a investigador/a a obter descobertas mais ricas e significativas (Fontana & Frey, 2005).

Os temas principais relacionados com a intervenção do Ponto Lilás foram codificados sendo também apresentado o perfil dos/as profissionais que participaram no grupo de discussão. O estudo recebeu aprovação ética da “Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto” (parecer ético nº 2023/06-08).

- **Fichas de ocorrência referentes à implementação do Protocolo Lilás (*Lilac Care*) em festivais de grande dimensão em Portugal**

A Kosmicare³ é uma ONG portuguesa especializada na implementação de respostas de redução de riscos e de apoio à crise psicológica (*psycare*) em ambientes de lazer noturno e festivais de grande dimensão em Portugal.

Inicialmente, a sua intervenção visava fundamentalmente pessoas que consomem drogas, sendo os seus serviços direcionados para intervir nesta área.

Nos últimos anos, a Kosmicare tem vindo a integrar o Protocolo Lilás no âmbito da sua atuação por forma a dar resposta a situações de violência sexual e outras formas de violência de género que ocorram em festivais e eventos de grande dimensão. Para o efeito, integra nas suas equipas pessoas capacitadas para intervir com vítimas e aplica um conjunto de procedimentos para assegurar a sua segurança, prestar apoio psicológico e referenciá-las para serviços de especialidade na área da violência de género.

A equipa criou uma ficha de ocorrências para registar todos os casos de “crise lilás” (casos de violência de género) que foram preenchidas pelos/as profissionais e pares da equipa destacadas para serem os pontos focais do Protocolo Lilás em cada festival. Esta ficha inclui uma breve descrição da situação e os procedimentos específicos e atuação técnica para dar resposta a cada situação de “crise lilás” (ver anexo 2). Este estudo inclui uma análise das fichas de ocorrência referentes à implementação do Protocolo lilás em 4 festivais de grande dimensão em Portugal. Os dados vão ser analisado, categorizados e descritos para informar uma reflexão crítica sobre o tipo de ocorrências e abordagens interventivas. Trata-se de 12 casos, para cada ficha de ocorrência, por forma a facilitar a distinção dos diferentes casos, foram utilizados os seguintes códigos: FO1, FO2, FO3, FO4, FO5, FO6, FO7, FO8, FO9, FO10, FO11, FO12.

A análise e discussão da relevância e pertinência dos Modelos Lilás será feita tendo por base a triangulação dos resultados destas três técnicas de investigação.

³ Mais informação em www.kosmicare.org

Resultados

- **Pesquisa documental**

Os Pontos Lilás em Barcelona pretendem criar um “espaço seguro para a prevenção do assédio, abuso e agressões machistas em espaços públicos, bem como para aconselhamento e intervenção caso ocorram tais situações”. Este protocolo reconhece a responsabilidade das administrações públicas na proteção dos direitos fundamentais dos cidadãos, incluindo a garantia de segurança em espaços públicos (Oficina de les Dones i LGTBI, Gerència de Serveis d'Igualtat i Ciutadania, & Àrea de Cohesió Social, Ciutadania i Benestar, n.d.). Os Pontos Lilás compreendem que a violência sexual é um fenómeno estrutural que se encontra enraizado na sociedade. Deste modo, estes surgiram com o propósito de oferecer um serviço de atenção e acompanhamento de vítimas de violência sexual e estratégias de prevenção através da sensibilização e formação do público em geral (Rodríguez, 2019).

O Protocolo Lilás em Portugal surgiu após os Pontos Lilás em Barcelona e foi implementado em festivais de grande dimensão em Portugal, contrariamente aos protocolos em Barcelona que tendem a ser implementados em diversos espaços públicos.

Este protocolo pretende promover a inclusão e a capacidade de resposta às questões de género no contexto do consumo de drogas durante eventos noturnos e festivais (Pires, 2022). Reconhece ainda que mulheres, pessoas transgéneras e não binárias enfrentam riscos específicos nestes contextos devido a desequilíbrios de poder e estigmas de género, a intervenção visa criar um ambiente mais seguro e inclusivo para esses grupos (Pires, 2022). Este apareceu com o propósito de expandir as atividades de sensibilização e apoio a crise psicológica, que possam existir neste tipo de eventos e é através da implementação de práticas específicas que o Protocolo Lilás pretende ajudar pessoas que tenham sofrido algum tipo de violência de género (Pires, 2022).

Ambos os protocolos compartilham uma visão que reconhece que a violência de género é um fenómeno estrutural, procuram criar espaços seguros e livre de violência sexualizada em eventos públicos e reconhecem a responsabilidade das autoridades públicas na proteção dos direitos fundamentais dos cidadãos.

Os objetivos que os protocolos estabelecem também são semelhantes, sendo estes: prevenir situações de violência de género, discriminação e agressões, detetar rapidamente os casos de violência ou discriminação baseada em género, fornecer apoio imediato e adequado às vítimas e promover a conscientização sobre questões de género e violência

sexualizada. Além disto, tanto o protocolo de Portugal como o de Barcelona adotam uma abordagem abrangente e multidimensional, que inclui estratégias de sensibilização, formação da equipa, criação de espaços seguros, intervenção em situações de emergência e acompanhamento após o evento. Ambos reconhecem, também, a importância da colaboração multidisciplinar incluindo: o governo local, organizações da sociedade civil e participantes dos eventos para criar comunidades mais seguras e inclusivas.

No protocolo Ponto Lilás em Barcelona as equipas implementadoras focam-se mais no *awareness*/sensibilização e psicoeducação relativamente à violência sexual e diz respeito a uma intervenção *per se*. Isto significa que é uma intervenção autónoma que possui os seus próprios objetivos, estratégias e impacto sem depender de outras intervenções para ser eficaz ou significativa.

Por outro lado, a intervenção em Portugal tem sido incorporada em intervenções de redução de risco e apoio à crise psicológica pré-existentes – o modelo de redução de riscos.

- ***Focus group* com profissionais em Barcelona**

A partir da análise do discurso de profissionais a trabalhar na área de violência de género em Barcelona foi possível identificar alguns temas que permitem perceber as experiências de implementação do Ponto Lilás nessa cidade.

Com o objetivo de explorar e categorizar os diferentes excertos recolhidos durante o *focus group* foi utilizado o *software* NVivo. O *focus group* foi conduzido com o intuito de compreender as perceções e experiências destes/destas profissionais nos ambientes de lazer noturnos.

Através da utilização do NVivo foi possível organizar e codificar os dados de forma sistemática, identificando padrões, temas e categorias emergentes, facilitando a compreensão de forma mais profunda e detalhadas dos testemunhos dos/das participantes. Assim, foi possível detalhar as principais categorias e temas identificados durante o *focus group*.

Os/as participantes revelaram que existe uma grande importância em iniciar a prevenção de violência de género em contexto escolar e familiar. Estes/estas acreditam que são inúmeros os ambientes em que a violência de género acontece e que esta não se limita apenas ao contexto de ambientes de lazer noturno – “as coisas [situações de violência de género] acontecem em todos os ambientes [escolar, familiar, festivo]”

(participante 1). Esta prevenção deve por isso ocorrer “desde cedo, em casa... na escola” (participante 1) e não se trata de prevenir apenas aquando da presença em contextos festivos “não se trata apenas de preparar a festa, mas também de preparar desde cedo” (participante 1).

A participante refere que nos/nas jovens passa pela necessidade de consciencializar desde sempre e que “educar - ... não é só na vida noturna” (participante 1). Refere ainda que é necessário educar os/as mais jovens sobre o funcionamento dos seus corpos – “o que é o teu corpo” (participante 1). Acredita que “essa educação pode mudar as coisas” (participante 1), que “se não formos capazes de dizer “olha menina de 5 anos”, “abre as pernas e vê [os seus órgãos genitais]” (participante 1) se vai tornar difícil de educar estas crianças no futuro e diminuir os riscos associados à falta conhecimento. Denota, ainda, diferenças no que diz respeito à educação para a sexualidade e socialização de género. Enquanto aos homens lhes é permitido, desde cedo, explorar a sua sexualidade, as mulheres são frequentemente desincentivadas em fazê-lo – “homem vê o seu pénis no espelho todos os dias” (participante 1), enquanto na mulher “tudo é mais interior, ou não nos ensinam a tocar-nos porque o nosso órgão sexual é interior... não o vemos ao espelho” (participante 1).

A psicoeducação deve ocorrer durante a implementação dos Pontos Lilás tanto em festividades que ocorrem no espaço público como em festas e festivais organizados por entidades privadas. A este respeito os/as participantes referem que em espaços privados “tudo é mais coordenado, com segurança e tudo, como se todos estivessem preparados para a ação” (participante 1). Contrariamente, em espaços públicos “a resposta é muito mais complicada num espaço público” (participante 1), por ser um espaço “grande e tão aberto” (participante 1) e devido às condições precárias no que diz respeito a intervenção.

No que diz respeito à reação do público-alvo, as participantes reportaram diferenças de género no contacto com as pessoas beneficiárias do Ponto Lilás. Estas diferenças de género são notórias no que diz respeito às reações e interações entre homens e mulheres que visitam os Pontos Lilás. Denotou-se que “os homens [que visitam os Pontos Lilás] questionam-nos” (participante 1) e que “estão sempre a debater [com os profissionais dos Pontos Lilás]” (participante 1). O propósito com que levam estes indivíduos a deslocarem aos Pontos Lilás, são também diferentes. Geralmente, os homens “vêm ao ponto lilás e dizem “ei tens preservativos? Quero fazer sexo”” (participante 1). Contrariamente, as interações e reações das mulheres [que visitam os Pontos Lilás] são de gratidão relativamente ao trabalho realizado por estes/estas profissionais. Estas

referem que “... são gratas” (participante 1) e aquando da sua visita aos postos “ou se inscrevem ou tiram fotografias ao stand, para saberem onde está e enviam-nas à filha ou a uma amiga” (participante 1).

A participante reporta uma situação que reflete as diferenças de género numa situação de violência. Nestes excertos de texto retirado do *focus group* é possível observar que numa situação em que uma pessoa é tocada por alguém do sexo oposto as mulheres, quando comparadas com os homens, apresentam um maior risco de violência. As mulheres [que visitam os Pontos Lilás] referem não se sentir seguras e desagradadas pela situação – “que alguém do grupo de amigos lhes tocou no rabo. E “sentiste isso como uma agressão?” quero dizer, “o que sentiste?”, “bem, medo” ... “não tem piada” ... Estou farta destes comentários” (participante 1). Por outro lado, os homens [que visitam os Pontos Lilás] “tendem a minimizá-las, rir-se delas e ridicularizá-las” [às mulheres]” (participante 1), deslocando-se aos postos dos Pontos Lilás dizendo “ela também me tocou no rabo, acabou de o fazer, o que devo fazer? Vou ao Ponto Lilás fazer queixa?” (participante 1).

No que diz respeito ao apoio prestado pelos/pelas profissionais que implementam os Pontos Lilás os/as participantes no *focus group* referem como essencial a necessidade “de coordenação [da equipa], comunicação e sobretudo, empatia [com as mulheres que referem ter experienciado violência de género]” (participante 1). Para uma intervenção adequada torna-se fulcral confiar incondicionalmente nas vítimas, “acreditar nelas [mulheres que referem ter experienciado violência de género], que o sistema, o protocolo funciona, que há vontade de as acompanhar realmente no seu sofrimento, que a mulher não fica traumatizada para toda a vida. Ela pode usar a sua resiliência” (participante 1).

Tendo em conta as suas experiências de intervenção, as participantes apontaram algumas vantagens associadas à implementação dos Pontos Lilás em ambientes de lazer noturno. O aumento da sensação de segurança por parte dos indivíduos que frequentam espaços em que se encontram implementados Pontos Lilás diz respeito a uma dessas vantagens – “vejo muitas raparigas, adolescentes... que dizem “ena que fixe muito obrigada por terem vindo e pelo vosso trabalho” (participante 1). Aquando destas situações em que os indivíduos dizem que se mostram gratos/gratas pela presença é assegurado [pelos/pelas profissionais que integram uma equipa dos Pontos Lilás] que são feitos os possíveis para uma intervenção eficaz – “Sabem, se acontecer alguma coisa, estamos aqui, somos a favor disto e daquilo, ajudem-nos, não fiquem calados, especialmente nas casas de banho e nos corredores” (participante 1).

Finalmente, as participantes identificaram alguns desafios e obstáculos na resposta a pessoas que experienciaram violência, nomeadamente no encaminhamento destas e resposta da rede de recursos sociais e de saúde envolvidos no protocolo. A “precaridade dos pontos lilás” (participante 1) devido à falta de respostas, seguimento e recursos deficientes – “quando tentamos ativar... o protocolo, ninguém nos dá uma resposta, ninguém nos dá seguimento” (participante 1) – é uma das grandes limitações identificada pela participante. Esta refere que esta precaridade leva a que os recursos necessários para uma intervenção eficaz sejam insuficientes, por exemplo no que diz respeito ao auxílio da polícia, aos organizadores do festival e aos outros intervenientes – “damos-lhes os recursos e os recursos são deficientes, não são profissionais” (participante 1).

É referido ainda que, para uma melhor intervenção, é necessário um maior envolvimento e comprometimento por parte da equipa multidisciplinar – “uma intervenção da melhor maneira possível... então o envolvimento, coragem, comprometimento. Eu preciso disso na minha intervenção” (participante 1). No entanto, o que acontece aos/às profissionais envolvidos nos protocolos é a necessidade de justificarem o seu trabalho – “tenho que justificar o meu trabalho... tenho de implorar à polícia, ao coordenador, ao dono do festival que acreditem que isto está a acontecer e que se coordenarmos podemos lidar com isto” (participante 1).

Outra grande limitação da intervenção que foi referida pela profissional está no medo associado à denuncia dos agressores, nomeadamente quando são adolescentes – “quando se vai apresentar o ponto lilás, os adolescentes chegam, dizem: “está bem, mas não digam que eu estive lá” ... ou não vêm diretamente. Eles não vêm por medo de serem rotulados de bufos na escola e sofrerem repercussões” (participante 1).

No que concerne ao perfil dos agressores, durante o *focus group* concluiu-se que são “homens” (participante 1), “que parecem ter mais poder de compra” (participante 1). Um exemplo disso é referido quando a participante menciona que “os casos que chegam ao tribunal são sempre turistas brancos de Inglaterra, França, Alemanha, seja onde for, que vêm para cá para se soltarem, e muitos fâchas brancos espanhóis” (participante 1).

Durante o *focus group*, tendo em conta as experiências de intervenção dos/das participantes, foi possível observar que violência baseada no género em ambientes noturnos varia consoante a faixa etária em que os indivíduos se encontram. Sendo que em agressores adolescentes, por norma a violência perpetrada é verbal e em indivíduos adultos geralmente é física – “quando adolescentes, usam maioritariamente palavras, mas quando são mais velhas, já começam com as apalpadelas” (participante 1).

A violência entre parceiros íntimos foi um dos tipos de violência destacada pelos/pelas participantes durante o *focus group*. Foi distinguida a violência entre casais heterossexuais e do mesmo gênero, sendo os primeiros percebidos como “aquele que está ali com os holofotes e toda a gente vê” (participante 1). Contrariamente a violência em casais homossexuais é observada como um tipo de violência que “acontece..., mas nos bastidores” (participante 1), “não em espaço público” (participante 1).

A percepção dos/das profissionais em relação à comunidade LGBTQ+ são de que quem procura mais apoio nos pontos lilás são “mulheres queer e lésbicas que vêm fazer queixa” (participante 1) e “homens transgênero” (participante 1). Foi referido pela participante um exemplo desta denúncia em mulheres lésbicas “estou aqui de mãos dadas com a minha namorada e os olhares são desconfortáveis... muitas vêm dizer “olha, este tipo, este homem estava a olhar para nós enquanto nos beijávamos” (participante 1).

Quando discutida a pertinência da intervenção em situações de violência de gênero entre casais os/as profissionais que implementam os Pontos Lilás revelaram a faixa etária como um ponto a destacar. Concluindo que a intervenção se torna mais fácil a intervenção em indivíduos mais velhos – 18 aos 24 anos – do que em indivíduos mais novos – 16 aos 17 anos. Os indivíduos mais novos tendem a justificar a violência de gênero em relações íntimas como algo intrínseco àquela relação em específico – “ah, mas eles são assim... foram assim a vida toda” (participante 1) – e optam por não intervir, por ser um comportamento normativo daquela relação íntima. Dos 18 aos 24 anos a intervenção acontece de modo mais eficaz, uma vez que por “vergonha” (participante 1) os pares intervêm no ciclo de violência que existe entre o casal. Acabam por assumir que “ok vamos intervir” (participante 1), acabando por tomar uma atitude perante a situação de violência.

A partir das suas experiências os/as participantes revelaram que o consumo de drogas se encontra exacerbado neste contexto e que é um fenómeno que surge com regularidade. Referem assim que o consumo de drogas “por muito que seja proibido, continua a aparecer” (participante 1), salientando que os indivíduos “continuam a consumir, coisas diferentes, em padrões diferentes”, mas continua “porque vivemos numa sociedade hedonista, orientada para o prazer” (participante 1).

- **Ficha de ocorrências referentes à implementação do Protocolo Lilás**

Os casos analisados dizem respeito a 12 mulheres de diferentes nacionalidades incluindo portuguesa (n=5), brasileira (n=2), dinamarquesa (n=1), norueguesa (n=1), israelita (n=1), holandesa (n=1) e belga (n=1). As idades variam entre os 20 e os 32 anos.

Os casos envolveram violência baseada no género, nomeadamente, violência parceiro íntimo (verbal/psicológica e física) (n=3) e assédio sexual e moral (n=1), violência física devido ao género ou identidade da pessoa e humilhação sexista ou misógina (n=1), violência sexual sem violência física ou coerção (n=1), violência sexual/violação com violência física ou coerção (n=1), *stalking* (n=1) e abuso sexual (n=2). Houve também situações de receio de submissão química (n=2) e experiências de medo de violação (n=1). Os perpetradores em todos os casos analisados foram homens – “ex-namorado a participar no evento”, “homem português, chefe da equipa onde ela trabalhava”, “amigo da pessoa com quem ela veio ao festival”.

O abuso sexual e violência de parceiro íntimo destacaram-se sendo o tipo de violência baseada no género que surgiu com maior frequência. No que diz respeito às situações de violência de parceiro íntimo, um dos casos a mulher reparou que o seu agressor se encontrava a frequentar o mesmo festival que a vítima (“mulher vítima de violência no namoro numa relação passada; viu o seu agressor no festival e ficou muito ativada, num estado paranoico e agressivo – ligou para o 112 várias vezes a pedir ajuda. Mostrou-se desconfiada e com pouca confiança nas pessoas à volta”). No outro caso, a situação de violência ocorreu durante o festival e foi observada por um profissional da Kosmicare que reencaminhou a vítima para o posto focal do Protocolo Lilás (“o namorado lhe bateu quando estavam ambos na zona do campismo e um voluntário que assistiu à situação chamou um ponto focal do Protocolo Lilás”). Relativamente ao abuso sexual, o/a segurança interveio numa situação que se sucedeu na pista do festival e reencaminhou a vítima para os serviços implementados pelo Protocolo Lilás (“o segurança encontrou-a seminua na pista de dança com um homem seminua a preparar-se para a penetrar”).

No que diz respeito à influência de substâncias, em 7 dos 12 casos as vítimas encontravam-se sobre o efeito de substâncias, como ketamina (n=3), MDMA (n=2), cogumelos mágicos (n=1), LSD (n=1) e álcool (n=1). Em alguns casos, houve suspeita de submissão química involuntária, em que as vítimas acreditavam que poderiam ter sido drogadas sem o seu consentimento (n=2). Os consumos voluntários reportados foram: ketamina (n=2), cogumelos mágicos (n=1), MDMA (n=2), álcool (n=1) e canábis (n=1).

Os sintomas físicos relatados incluem principalmente tremores, pupilas dilatadas, taquicardia e agitação. Os sintomas psicológicos passaram por ansiedade/*stress*, choque emocional, raiva, choro e confusão mental. Estes sintomas refletem o impacto profundo que as experiências traumáticas tiveram nas vítimas.

No que diz respeito ao contacto com a equipa este foi feito de contacto direto ou indireto. O contacto direto os indivíduos tinham a possibilidade de se dirigir diretamente ao posto da Kosmicare (n=6), ou através de pedido de suporte noutra local do festival (n=1) como por exemplo num dos casos a mulher “estava a ligar repetidamente para o 112 e foi encaminhada para os serviços de emergência do festival”, tendo sido posteriormente “encaminhada para os serviços *psycare* da Kosmicare”. No que diz respeito ao contacto indireto este podia ser realizado através de amigos (n=1), *bystanders*, equipa de segurança (n=1), outro *staff* a trabalhar no festival (n=3) ou através de um profissional da Kosmicare (n=1). Num dos casos um grupo de amigas dirigiu-se ao posto, pois suspeitavam que uma delas tivesse consumido drogas involuntariamente e que se sentia muito confusa e perturbada.

Em termos de apoio reportado, os profissionais e pares que preencheram as fichas de ocorrência reportaram:

- Apoio psicológico em crise – “inicialmente apoiámos a crise psicológica, seguindo os princípios dos primeiros socorros psicológico” caso 9 (FO9);
- Criação de espaços seguros – “entretanto decidi ficar no festival. Dormi todos os dias no nosso espaço porque se sentia insegura para voltar para a sua tenda” caso 5 (FO5);
- Escuta ativa – “falar da experiência” caso 4 (FO4);
- Empatia;
- Informações sobre os procedimentos formais de queixa – “a seu pedido denunciámos o agressor aos promotores do evento” caso 2 (FO2); “quer denunciar a informação, por vezes mostra-se zangada e traumatizada” caso 3 (FO3); “apoiámos a reflexão e criação de um plano de fuga... demos também informação sobre o processo de denúncia e serviços de apoio a vítimas na área de residência dela” caso 9 (FO9);
- Serviços de apoio à violência de género. Em alguns dos casos, as vítimas receberam apoio para sair do festival e contacto com os familiares – “Ajudamos a sair do evento. Ligámos à sua mãe que veio buscar ao

festival, e levámo-la na viatura de intervenção até à saída do festival onde a mãe estava” caso 1 (FO1).

Relativamente à satisfação do suporte recebido esta foi geralmente alta, sendo que a maioria das vítimas se sentiu ajudada e compreendida – “Sentiu-se segura, compreendida e percebeu o que poderia fazer”, “foi acalmando e criando uma relação de confiança com a equipa, no fim conseguimos que saísse do festival em segurança”. As autoavaliações dos/das profissionais foram também altas – entre 7 e 9 – mostrando uma perceção positiva sobre o apoio recebido e a segurança proporcionada.

Discussão

Com o objetivo de perceber a utilidade e relevância dos modelos lilás de intervenção para a prevenção, deteção e resposta – a situações de violência sexual e outras formas de violência em ambientes de lazer noturno e festivais de grandes dimensões – procedeu-se à análise através da técnica de triangulação.

A pesquisa documental revelou que tanto os protocolos implementados em ambientes e lazer noturno em Espanha – Ponto Lilás – quanto em Portugal – Protocolo Lilás – apresentam linhas orientadores para a prevenção e resposta a situações de violência de género que tendem a persistir em ambientes de lazer noturno (Pires et al., 2018).

Os dados analisados revelam que a violência de género é um fenómeno que afeta desproporcionalmente as mulheres, evidenciando a necessidade de uma intervenção que promova a prevenção, a deteção e a resposta precoce a este tipo de violência. Durante a implementação destes protocolos os/as profissionais confirmam esta desproporção, sendo que a maioria das vítimas assistidas tanto nos Pontos Lilás como no Protocolo Lilás foram mulheres. Assim, ambos os protocolos se concentram em medidas concretas para prevenir a violência de género, proteger e cuidar as pessoas que, de alguma forma, referem sofrer deste tipo de violência em ambientes de lazer noturno. Os dados dos Modelos Lilás analisados revelaram também que nas situações apoiadas os agressores eram homens.

A análise documental teve como objeto duas abordagens diferentes de implementação dos Modelos Lilás. A análise de dados revelou que os Pontos Lilás em Barcelona dizem respeito a um protocolo com uma intervenção autónoma. Em Portugal, a implementação do Protocolo Lilás apresenta uma abordagem integrada, sendo implementado no âmbito de uma intervenção de redução de riscos e apoio à crise psicológica pré-existente. Este modelo – Protocolo Lilás – apresenta vantagens pelo facto de se constituir como uma abordagem multicomponente e de utilizar uma base de intervenção já consolidada de equipas de redução de riscos com experiência de intervenção em festivais de grande dimensão. Para além disso, sendo as equipas de redução e risco especialistas na psicoeducação e prestação de cuidados a pessoas que consomem drogas, a integração do Protocolo Lilás surge como mais uma valência de intervenção que maximiza as condições de segurança dos eventos e diversifica as modalidades de apoio a frequentadores/as de festivais (Tuten & Hones, 2015).

Relativamente ao *focus group*, os/as participantes, mostram claramente as disparidades de género existente na perceção da violência de género, sendo que os homens mostram uma maior dificuldade em identificar este tipo de violência (Plaza, Ferrer & Pires, 2022). Através da análise das fichas de ocorrência foi possível observar a eficácia da intervenção durante a implementação do Protocolo Lilás. As vítimas – mulheres que solicitaram apoio – mostraram-se satisfeitas com o apoio recebido referindo que se sentiram ajudadas e compreendidas. Esta abordagem torna-se benéfica para a identificação e apoio precoce em situações de violência potencialmente traumática, bem como a adequada referência para serviços de especialidade na área de violência de género. Também os/as profissionais envolvidas nestas intervenções refletiram sobre a necessidade e importância de uma abordagem sensível e compreensiva por parte dos/das mesmos/as para que as vítimas se sintam ajudadas e compreendidas.

Ambas as abordagens destacam a importância de espaços seguros e de apoio imediato às vítimas. Assim, estas procuram criar espaços seguros e promover uma cultura livre de violência sexualizada em eventos públicos e reconhecem a responsabilidade das autoridades públicas na proteção dos direitos fundamentais dos cidadãos.

A violência sexual é um fenómeno que tem vindo a ser crescentemente visibilizado nos contextos de lazer noturno (Pires et al., 2018). Desta forma, torna-se pertinente que um dos principais objetivos da implementação dos protocolos seja a promoção da consciencialização sobre questões de género e violência sexualizada.

Durante a implementação do Protocolo Lilás foi possível observar, através das fichas de ocorrências, que a violência sexual se mostrou o tipo de violência baseada no género mais presente. Mostrando, assim, a importância do objetivo presente na implementação dos protocolos que diz respeito à promoção da consciencialização sobre questões de género e violência sexualizada.

As agressões sexualizadas por drogas (na sequência de consumos voluntários ou involuntários) em ambientes de lazer noturno é um fenómeno que tem vindo a levantar uma preocupação crescente (Prego-Meleiro et. al., 2019). As fichas de ocorrência de ocorrências revelaram casos específicos que envolvem 7 vítimas em que o consumo de drogas levaram a agressões sexualizadas facilitadas pelo consumo voluntário (n=5) ou involuntário (n=2) das mesmas. A ocorrência de situações de violência de género em ambientes de consumo de álcool e outras drogas reforça a importância de implementar abordagens Lilás. O consumo de substâncias psicoativas pode induzir vulnerabilidade química e esta pode ser utilizada pelo agressor para facilitar a perpetração da violência.

Nesse sentido, e tendo em conta a normalização do consumo de álcool e outras drogas nestes contextos (Plaza, Ferrer & Pires, 2022), é importante que as/os profissionais estejam preparados para as especificidades do contexto. Torna-se necessário que estes/as profissionais tenham conhecimentos e competências para intervir com pessoas que consomem drogas e também da forma como as drogas podem ser utilizadas por agressores para facilitar a violência.

Os serviços de redução de riscos têm vindo a mostrar eficazes e pertinentes para reduzir os riscos e responder aos danos associados ao consumo de substâncias psicoativas em ambientes de lazer noturno (Jenkinson et al., 2021; Valente et al., 2022) Desta forma, torna-se pertinente adaptar e aplicar os princípios da redução de riscos também à violência de género nestes contextos.

A formação adequada dos/das profissionais envolvidos no Protocolo Lilás é essencial para reduzir os riscos e danos associados aos consumos. A sensibilização de *bystanders* para o reconhecimento e denúncia de situações de assédio ou outras dinâmicas de poder; a dissuasão de possíveis agressores; e empoderamento de possíveis vítimas podem ser integradas nas abordagens de sensibilização e implementação de redução de riscos (Pires, Carvalho & Carvalho, 2022). Da mesma forma, e tomando o caso do Protocolo Lilás já implementado em festivais portugueses, também os primeiros socorros psicológicos e as respostas de intervenção em crise (*psycare*), podem integrar pessoas formadas e medidas específicas para apoiar pessoas que experienciem violência de género em ambientes de lazer noturno.

À semelhança da literatura existente (Plaza, Ferrer & Pires, 2022), os dados referentes à implementação dos Pontos Lilás em Barcelona, revelam que o consumo de substâncias psicoativas surge como norma em ambientes de lazer noturno. Assim, esta intervenção mostra, também, a necessidade de intervenções específicas e adequadas ao contexto. Destaca ainda que, por vezes, a dependência de estruturas de encaminhamento das vítimas, como hospitais e polícia, nem sempre estão sensibilizadas para o atendimento de vítimas de violência de género. Demonstrando mais uma vez, a importância de uma intervenção específica e adequada ao contexto e a necessidade de envolver e capacitar estes/as profissionais.

Devido à desproporcionalidade entre homens e mulheres torna-se importante implementar campanhas de prevenção de agressões sexuais em contextos festivos (Pires et al., 2018). A implementação dos protocolos Ponto Lilás e Protocolo Lilás enfatiza a importância da sensibilização e da psicoeducação sobre a violência de género, sendo este

um dos objetivos de ambos. No entanto, esta sensibilização não se deve subscrever unicamente a estes contextos. Os/As profissionais que implementam os Pontos Lilás em Barcelona sublinham a necessidade de implementar, precocemente, atividades de educação para a igualdade, no ambiente familiar e em contexto escolar. Defendem que esta educação é fundamental para preparar os jovens para reconhecer e lidar com situações de violência de género. Adicionalmente, através das fichas de ocorrências os dados revelaram que, durante a implementação do Protocolo Lilás, as vítimas que referem ter sofrido de violência de género possuem falta de educação para a sexualidade e socialização de género e falta de preparação para lidar com agressores. Isto reflete-se nos sintomas de confusão e choque das vítimas e reforça a importância e a necessidade de uma educação mais abrangente e contínua.

As duas abordagens integram respostas de intervenção precoce em situações de violência de género que ocorrem em eventos de lazer noturno ou festivais de verão. Nesse sentido, o atendimento das vítimas encontra-se dependente das estruturas para onde forem encaminhadas como é o caso do hospital, polícia, entre outros.

As participantes do *focus group* dinamizado pelo projeto CRISSCROSS em Barcelona revelaram que uma das maiores dificuldades associadas ao modelo de intervenção passa pela insuficiência de recursos financeiros e materiais. Além disso, por vezes, as estruturas e serviços de encaminhamento ou seguimento destas situações não estão devidamente sensibilizadas para o acolhimento e atendimento a vítimas de violência de género, o que pode constituir uma abordagem ineficaz.

Também durante a implementação do Protocolo Lilás é referido pelos/pelas profissionais que a eficácia das intervenções em momentos críticos também pode ser comprometida devido à dificuldade de mobilização de recursos adequados e atempados. Assim, a falta de coordenação e comunicação entre os diversos setores envolvidos na segurança e apoio às vítimas pode resultar em respostas fragmentadas e ineficazes.

Em suma, a análise e descrição dos modelos interventivos e metodológicos revelou que tanto os Pontos Lilás como o Protocolo Lilás se concentram em medidas concretas para prevenir a violência de género, proteger e cuidar as pessoas que referem ter experienciado este tipo de violência em ambientes de lazer noturno. Ambos contribuem para a identificação e intervenção em situações de violência de género, amortizando desta forma os efeitos das experiências traumáticas no seu bem-estar e saúde mental.

Concluindo a implementação dos Modelos Lilás mostrou-se revelante para a melhoria das condições de segurança e bem-estar em eventos de grande dimensão. Sendo que, devido à norma de consumo de substâncias psicoativas em ambientes de lazer noturno, torna-se pertinente adaptar e aplicar os princípios da redução de riscos também à violência dos de género nestes contextos. Além disso, a integração de práticas de redução de riscos e a formação contínua dos/das profissionais é fulcral para uma maior eficácia das intervenções Lilás.

Conclusão

A presente tese pretendeu investigar a eficácia na prevenção e combate à violência de género através da implementação de dois protocolos – Pontos Lilás e Protocolo Lilás. Para isso procedeu-se a uma pesquisa e análise através da triangulação dos dados relativos a pesquisa documental, *focus group* – através da análise das perspetivas de profissionais sobre a implementação dos Pontos Lilás – e fichas de ocorrências – referentes à implementação do Protocolo Lilás em festivais de grandes dimensões. Esta pesquisa permitiu uma visão mais abrangente acerca da eficácia, desafios e potencialidades destas intervenções.

O estudo teve como propósito investigar “Quais os modelos interventivos e metodológicos que regem a intervenção dos Modelos Lilás e de que forma é que estes contribuem para melhorar as condições de saúde e bem-estar das pessoas que frequentam em ambientes de lazer noturno e festivais de grande dimensão?”. Para isso foi analisado e descrito os modelos interventivos e metodológicos subjacentes à intervenção das iniciativas e Protocolos lilás; foi feita uma descrição crítica dos perfis de competências e recursos necessários à implementação deste tipo de abordagens, bem como os seus desafios e limitações; e por fim, foi analisada criticamente a relevância deste tipo de intervenção para a melhoria das condições de segurança e bem-estar em eventos de grandes dimensões.

A triangulação da análise de dados foi relevante, uma vez que contribui para a robustez dos resultados devido à confirmação de diversos métodos e dados. Isto permitiu analisá-los aumentando a confiabilidade das conclusões da pesquisa realizada (Lincoln & Guba, 1985). Adicionalmente através do uso de múltiplas fontes e a conseqüente redução dos vieses, proporcionou uma visão mais equilibrada e objetiva do fenómeno em estudo (Shenton, 2004). No que diz respeito à compreensão dos dados a integração de diferentes perspetivas, permitiu uma compreensão mais profunda e holística do estudo (Dezin, 1978). Além disso, possibilitou identificar as convergências e divergências presentes nos diferentes métodos utilizados devido à maior quantidade de informação (Patoon, 2015). Esta abordagem ofereceu também uma maior flexibilidade na análise dos dados, permitindo a adaptação de novas informações e a incorporação de múltiplas dimensões do fenómeno (Creswell, 2014).

Os Pontos Lilás e o Protocolo Lilás são iniciativas que se mostraram essenciais para fornecer suporte imediato e especializado a vítimas de violência de género em

contextos de lazer noturno. Estes programas visam prevenir a violência de gênero, detectar de forma rápida casos de abuso e fornecer apoio imediato às vítimas. Assim, ambos os protocolos promovem a consciencialização pública relativamente à violência de gênero, reconhecendo-a como um problema estrutural e enraizado na sociedade. Estas iniciativas contribuíram de inúmeras formas para o fornecer suporte imediato e especializado a vítimas de violência de gênero em contextos de lazer noturno. Através da prevenção permitiram a promoção de conscientização pública sobre a violência de gênero, ajudando a prevenir ocorrências através de campanhas educativas e de sensibilização. A intervenção implementada pelos protocolos proporciona um ponto de contacto seguro para as vítimas, oferecendo apoio psicológico e orientação imediata, o que é crucial para a recuperação das vítimas. Por fim, o apoio prestado contribuiu para uma melhor compreensão e resposta ao problema. Estes protocolos incentivaram uma resposta comunitária coordenada, envolvendo várias partes interessadas, como segurança, saúde e serviços sociais.

As fichas de ocorrência e o *focus group* forneceram dados específico sobre a natureza dos incidentes de violência de gênero e a eficácia das intervenções, oferecendo uma base sólida para aprimorar as práticas existentes. O estudo enfatiza a importância da psicoeducação contínua com início na infância, realçando a necessidade de preparação dos indivíduos para lidar com questões de gênero e violência sexual. Esta mostrou-se como ponto crucial para preparar os indivíduos e criar uma cultura de não tolerância à violência de gênero. Para desenvolver e implementar políticas mais eficazes de prevenção e resposta à violência de gênero, os modelos Lilás destacam a importância de campanhas de sensibilização e formação de equipa, com o objetivo final de contribuir para uma prevenção a longo prazo.

A implementação dos protocolos enfrenta desafios significativos, como a precaridade de recursos financeiros e materiais, a necessidade constante de justificar o trabalho dos/das profissionais e o medo das vítimas em denunciar os agressores – devido à estigmatização e à falta de confiança no sistema de apoio. Além disso, a falta de coordenação e comunicação entre os diversos setores envolvidos resulta em respostas fragmentadas e menos eficazes. Estas limitações afetam a capacidade dos protocolos em oferecer suporte contínuo e abrangente. Destacando a necessidade de um maior investimento em recursos e melhor coordenação entre os serviços de apoio para maximizar a eficácia das intervenções.

Devido à frequente trivialização da violência de gênero em ambientes noturnos, existe uma necessidade acrescida de intervenções eficazes e bem estruturadas. Assim, o fornecimento de uma resposta integrada e colaborativa para a melhoria da eficácia das intervenções mostrou-se crucial. Assim, podemos concluir que uma melhor coordenação poderia potencializar resultados positivos, e conseqüentemente, reduzir a fragmentação das respostas garantindo um suporte mais consistentes às vítimas. Apesar destas limitações, este estudo demonstrou que ambos os protocolos dizem respeito a ferramentas eficazes para a intervenção em casos de violência de gênero em ambientes de lazer noturno. As intervenções realizadas mostraram-se fundamentais para oferecer apoio psicológico em crise, criar espaços seguros e prestar suporte informado. Isto permitiu que as vítimas se sentissem seguras e compreendidas. Durante a implementação do Protocolo Lilás em ambientes de lazer noturno mostrou-se a eficácia das intervenções em proporcionar segurança e compreensão às vítimas, com relatos de casos onde o suporte foi crucial para a recuperação das vítimas. A elevada satisfação das vítimas relativamente ao suporte recebido e as autoavaliações dos/das profissionais indicaram uma percepção positiva sobre a eficácia das intervenções.

Para futuros estudos e intervenções, é essencial o foco na avaliação específica da eficácia dos Pontos Lilás e do Protocolo Lilás, bem como explorar novas estratégias para superar os desafios e limitações supramencionadas. Torna-se por isso fundamental conduzir estudos específicos de avaliação das intervenções com o objetivo de medir a sua eficácia e identificar as áreas a melhorar. Estes estudos vão permitir fornecer dados concretos que necessitam de ser ajustados e aprimorados nas práticas de intervenção. Além disso, é crucial explorar novas formas de mobilizar recursos financeiros e materiais, uma vez que, a sustentabilidade das iniciativas depende de um financiamento adequado do acesso a recursos suficientes que permitam apoiar as vítimas de modo contínuo. Assim, torna-se essencial para a manutenção e expansão dos protocolos de intervenção, a criação de novas estratégias que garantem a mobilização desses recursos. Outro aspeto importante diz respeito à melhoria da coordenação e comunicação entre os diversos setores envolvidos. Para a promoção de uma resposta mais integrada e colaborativa, é imprescindível o fortalecimento da comunicação e coordenação multidisciplinar, de forma a garantir que todos os/as envolvidos/as trabalhem em colaboração. Isto permitirá uma resposta mais eficaz e consistência no que diz respeito à intervenção em situações de violência de gênero. Por fim, o investimento em psicoeducação desde a infância é uma

estratégia fundamental para a criação de um ambiente intolerante à violência de gênero. Por forma a preparar os indivíduos a reconhecerem e combater situações de violência de gênero, a criação de programas de educação contínua sobre a igualdade de gênero e prevenção da violência devem ser desenvolvidos e implementados.

Em suma, os Pontos Lilás e o Protocolo Lilás desempenham um papel vital na luta contra a violência de gênero em ambientes de lazer noturno. No entanto, por forma a maximizar a sua eficácia é crucial enfrentar os desafios de recursos, melhorar a coordenação entre os serviços e continuar a investir na psicoeducação. Estas intervenções mostraram-se fundamentais para fornecer apoio imediato às vítimas e para promover uma mudança cultural relativamente à violência de gênero. A análise reflexiva da implementação destas iniciativas destaca, assim, a importância dos desafios que enfrentam, proporcionando uma base sólida para pesquisa futuras e melhorias nas práticas de intervenção.

Referências bibliográficas

- Bohner, G., Eyssel, F., Pina, A., Siebler, F., & Viki, G. T. (2009). Rape myth acceptance: Cognitive, affective, and behavioural effects of beliefs that blame the victim and exonerate the perpetrator. In M. A. H. Horvath & J. M. Brown (Eds.), *Rape: Challenging Contemporary Thinking* (pp. 17-45). London: Willan. doi:10.4324/9781843927129
- Bourdieu, P. (1998). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Campbell, J. C. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet*, 359(9314), 1331-1336.
- Campbell, R. (2008). The psychological impact of rape victims' experiences with the legal, medical, and mental health systems. *American Psychologist*, 63(8), 702-717. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.63.8.702>
- Carvalho, M. C., Pinto de Sousa, M., Frango, P., Dias, P., Carvalho, J., Rodrigues, M., & Rodrigues, T. (2014). Crisis intervention related to the use of psychoactive substances in recreational settings--evaluating the Kosmicare Project at Boom Festival. *Open Pain Journal*, 8, 1-7. <https://doi.org/10.2174/1874473708666150107115515>
- Comissão para a Igualdade de Género. (2015). Manual de boas práticas para a prevenção e o combate às práticas tradicionais nefastas: mutilação genital feminina, casamento infantil e precoce, e violência de género. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/11/Manual-de-Boas-Praticas-2015.pdf>
- Connell, R. (2019). *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press.
- Conselho da Europa. (2011). Convenção de Istambul: Conselho da Europa para a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica. Série de tratados do Conselho da Europa, nº 210. <https://www.coe.int/pt/web/conventions/full-list/-/conventions/rms/090000168008482e>
- Conselho da Europa. (2011). Convenção do Conselho da Europa para a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica. <https://rm.coe.int/168008482e>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Edições Sílabo.

- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions* (2nd Ed). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). SAGE Publications
- Dawgert, S. (2009). Substance use and sexual violence: Building prevention and intervention responses. Pennsylvania Coalition Against Rape. Retrieved from http://www.pcar.org/sites/default/files/pagespdf/substance_use_and_sexual_violence.pdf
- Denzin, N. K. (1978). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods* (2nd ed.). McGraw-Hill.
- EIGE. (2021). Glossary & thesaurus. European Institute for Gender Equality. <https://eige.europa.eu/thesaurus/overview>
- Fontana, A., & Frey, J. H. (2005). The interview: From structured questions to negotiated text. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 645-672). Sage Publications.
- Goulding, C., & Shankar, A. (2011). Club culture, neotribalism and ritualised behavior. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1435-1453.
- Heise, L. L., Ellsberg, M., & Gottemoeller, M. (1999). Ending violence against women. Population reports, Series L, No. 11. Johns Hopkins University School of Public Health, Population Information Program.
- Hignett, S., & McDermott, H. (2015). *Qualitative methodology. Evaluation of human work*, 4th edn. CRC Press, Boca Raton, 119-138.
- Hollands, R. G. (1995). *Friday Night, Saturday Night: Youth Cultural Identification in The Post-Industrial City*. Newcastle Upon Tyne: University of Newcastle. Department of Social Policy.
- Hughes, C. E., & Stevens, A. (2010). A resiliência da redução de danos. *Drug and Alcohol Review*, 29(2), 141-147. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3362.2009.00129.x>
- Jenkinson R, Bowring A, Dietze P, Hellard M, Lim M. Young risk takers: alcohol, illicit drugs, and sexual practices among a sample of music festival attendees. *J Sex Trans Dis* 2014; 2014: 1-6.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. SAGE Publications.
- MacMaster, S. A., & Bertrand, L. A. (2018). Harm Reduction: A New Perspective on Substance Use and Addiction. *Social Work in Public Health*, 33(2), 74-85.

- Mardorossian, C.M. (2002). Toward a New Feminist Theory of Rape. *Signs*, 27(3), 743-775. <https://doi.org/10.1086/337938>
- Mutatayi, C., Morton, S., Robles Soto, N., Pálsdóttir, K. I., & Vale Pires, C. (2019). *Implementing a gender approach in drug policies: Prevention, treatment and criminal justice; A handbook for practitioners and decision makers*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Noctambul@s. (2016). Informe 2014/2015. Fundación Salud y Comunidad. <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1>
- Oficina de les Dones i LGTBI, Gerència de Serveis d'Igualtat i Ciutadania, & Àrea de Cohesió Social, Ciutadania i Benestar. (n.d.). Claus per a la implementació d'un Punt Lila Municipal. Diputació de Barcelona. <https://www.diba.cat/documents/232140/249833193/Recomanacions+implementaci%C3%B3+punt+lila+municipal.pdf/6f64b9ab-44a2-4836-a58b-4e98a6c02250>
- ONU mulheres (2021). Glossário de igualdade de gênero. <https://trainingcentre.unwomen.org/mod/glossary/view.php?id=36>.
- Organização das Nações Unidas. (2021). Objetivo 5: Igualdade de Gênero. <https://www.un.org/sustainabledevelopment/pt/gender-equality/>
- Panyella-Carbó, A., & Martín-Fumadó, C. (2018). Sumisión química versus vulnerabilidad química: análisis criminológico de los delitos sexuales facilitados mediante el uso de sustancias psicoactivas a partir de una muestra de sentencias [Proactive versus opportunistic Drug-Facilitated Sexual Assault: criminological analysis of sexual crimes facilitated by the use of psychoactive substances from a sample of court decisions]. *Adicciones*, 30(3), 167-178. doi: 10.20882/adicciones.973.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods* (4th ed.). SAGE Publications.
- Pires, C. V. (2022). Lilac Care Guidance – Taking care of people who experience(d) gender-based violence in large scale festivals. *Sexism Free Night*. Kosmicare. <https://sexismfreenight.eu>
- Pires, C. V., Carvalho, M. C., & Carvalho, H. (2022). Certificação Sexism Free Night: da visibilização do assédio sexual à criação de um Roteiro de Lazer Noturno mais seguro e igualitário no Porto. *ex æquo*, 45, 177-194. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.12>

- Pires, C. V., Pereira, R., Valente, H., & Moura, H. (2018). Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: Podem os contextos festivos ser educativos? *ex aequo*, 37, 143-158. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>
- Plaza, L., Ferrer, R. & Pires, C. V. (2022). Sexism Free Night – Research Report. Sexism Free Night European Project. www.sexismfreenight.eu
- Pompidou Group. (2017). Introduzindo uma dimensão de gênero na política de drogas - Relatório de síntese sobre violência, mulheres e drogas de estupro. Conselho da Europa. https://www.coe.int/en/web/pompidou/publications-2/-/asset_publisher/i8WckK0BaZfD/content/introducing-a-gender-dimension-into-drug-policy-synthesis-report-on-violence-women-and-rape-drugs
- Prego-Meleiro, P., Montalvo, G., García-Ruiz, C., Ortega-Ojeda, F., Ruiz-Pérez, I., & Sordo, L. (2019). Gender-based differences in perceptions about sexual violence, equality and drug-facilitated sexual assaults in nightlife contexts. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260519854373. <https://doi.org/10.1177/0886260519854373>
- Rodríguez, R.G. (2019). Resignifying the Punts Lila. Learning experiences and new challenges to contribute to the elimination of sexist violence. *Associació Drets Sexuais i Reproductius*. Disponível em: <https://lassociacio.org/wp-content/uploads/2019/02/CAST-Publicaci%C3%B3n-RESIGNIFICANDO-LOS-PUNTOS-LILA.pdf>
- Sen, A. (1999). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shenton, A. K. (2004). Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. *Education for Information*, 22(2), 63-75.
- Starfelt, L. C., Young, R. M., Palk, G. R., & White, K. M. (2015). Young Australian adults' beliefs about alcohol's role in sexual aggression and victimization. *Culture, Health & Sexuality: An International Journal for Research, Intervention and Care*, 17(1), 104-118. <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.950984>
- Tuten, M., & Jones, H. E. (2015). Uma revisão da intervenção em crise para overdose de drogas. *Current Drug Abuse Reviews*, 8(1), 67-80. <https://doi.org/10.2174/1874473708666150602113357>
- Valente, H., Martins, D., Pinto, M., Fernandes, L., & Barratt, M. J. (2022). A longitudinal study of behavioural outcomes following a visit to the Boom Festival 2018 drug checking service: individual and group level results. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 30(4), 373–382. <https://doi.org/10.1080/09687637.2022.2072187>

Wall, L., & Quadara, A. (2014). Under the influence? Considering the role of alcohol and sexual assault in social contexts. *ACSSA Issues*, 18, 1-22.
<https://aifs.gov.au/publications/under-influence>

World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.

Anexos

Anexo 1. Guião *focus group*

Focus Group Script – Professionals

Profile - professionals working with young people in organizations in the fields of drugs, sexual health, education settings, rape crisis centres, centres to support people who experienced gender-based violence, social centres, youth centres, professionals working in nightlife environments, activists

N= 10 participants

Estimated duration of the focus-group – 90m

Local – in presence or online (considering the profile of these participants, it may be easier to implement the FG online)

SCRIPT

INTRO

1) Introduce yourself, your assistant, and the purpose of the focus group. Explain to participants that they have been invited to share their perceptions, considering their professional experience working directly or indirectly with young people. Explain that you will guide the discussion by present the group some questions to reflect and discuss in-group. Tell them what time the session will conclude.

2) *Disclaimer*

“This Focus Group includes topics related with violence, discrimination among other difficult topics. If you experienced any of the portrayed incidents or struggle with any of these topics, this focus might be difficult for you or bring up strong negative feelings.

You don’t need to disclosure during the focus group if you don’t want to

You can leave the focus group if you need to If the focus group was triggering, and you feel you need support, write us at: XXX@XXX.XXX and we can refer you p trustful services in our country”

3) Informed consent

4) Introduce the Focus Group dynamic and general aim

“This Focus Group we will be based in 10 questions. We will ask you to comment or discuss the questions having as reference:

- Your perception as a professional who in his/her/their work contacts with young people.
- Two age groups: youngsters [>16-17 years old]; young adults [18-24]

There is no wrong or correct answers, we are mainly interested in your perception, opinion and ideas related to the contents we will share. The Focus Group duration will be around 90m.”

QUESTIONS

- 1) To your knowledge, what are the main forms of gender-based violence that young people experience when going out at night (e.g. at bars, clubs, discotheques, parties, festivals)?
 - Youngsters [16-17 y.o]
 - Young adults [18-24 y.o.]

(From now on “age-related differences”)
- 2) According to your professional experience, are there differences in the safety/unsafety perception of women, men and LGBTQIA+ when going out at night?
- 3) In your opinion, what is the profile of perpetrator of gender-based violence in nightlife environments (e.g. gender, age, socioeconomic status...)?
- 4) Considering your professional perception, what is the relationship between the perpetrator and the victim in gender-based situations in nightlife environments? (e.g. strangers, intimate partner relationship, friend or someone they know...)
 - Age-related differences?

- 5) According to your professional experience, do you think that enable sexualized interactions or enhance sex is a motivation for use drugs among people who goes out at night? If, so do you think there are differences among women, men and LGBTQIA+ people regarding this specific drug use motivation?
- 6) In our opinion, do you think that young people perceive women who drink alcohol in nightlife environments as more sexually available and accessible?
 - Age-related differences?
- 7) Considering your experience, what are the main causes of sexualized violence in nightlife environments?
 - Age-related differences?
- 8) According to your professional experience and perception what are the main intervention needs of your people who experienced gender-based discrimination and/ or violence in nightlife environments?
- 9) In your opinion, what kind of interventions could be relevant to prevent gender-based discrimination and violence in nightlife environments among youngsters (until 17 years old)?
- 10) To you knowledge, what are the main intervention activities or projects aimed at prevent, detect and respond to gender-based violence in nightlife environments already implemented in your city and/or country?

Useful questions to explore further...

- Do you agree/ don't agree? Why?
- Can you say more about...
- Do the other participants agree...?
- Who else has something to say? / I would like to hear more from...

Closing the session

Thank the group for participating; let them know how the discussion results will be used.

Focus Group thematic division

Part 1

Perception about GBV, safety/unsafety in nightlife

Part 2

Sex and rape myths related to drugs

Part 3

Perception of relevance/ priorities for intervention/ action/ policies in nightlife

Anexo 2. *Template* fichas de ocorrências



LILAC TEAM Occurrences form

Date: ____/____/____ Hours: From ____ h to ____ h

Name of the Lilac Team member: _____

1) Sociodemographic info of the person who received lilac care

Gender (Self-identification or gender expression perceived)

Age (Real or estimated) _____

Nationality _____

Other info _____

2) Contact with the team

Direct

× The person came directly to the Kosmicare hub

× The person asked for support in other place of the festival

Indirect:

× Friends

× Bystander

× Security team

× Other staff working in the festival × A Kosmicare professional/ peer

3) Support requested (e.g. information, safe space, share a traumatic experience, support during a drug-related psychological crisis related with traumatic event related with gender based violence experiences in the past, discrimination or gender based violence during the event, spiking, etc.)

Co-funded by the Rights,
Equality and Citizenship (REC)
Programme of the European Union



4) State of the person who experience(d) GBV or discrimination:

Physical symptoms: × Tachycardia

× Tremor

× Sweating

× Others _____

Psychological:

× Anxiety/ stress

× Emotional shock

× Anger

× Crying

× Apathy

× Others _____

5) Drug use

Is the person under the influence of drugs when receiving support from the team?

× No

× Yes. Which drugs? _____

In case of GBV during the event, was the person under the influence of drugs when she/he/they was victimized (chemical submission)?

× No

× Yes, voluntarily. Which drugs? _____

× Yes, involuntarily (spiked). Which drugs or effects are reported?

Is the person able to make decisions? × No

× Yes

Co-funded by the Rights,
Equality and Citizenship (REC)
Programme of the European Union



6) Type of gender based violence reported (including discrimination, micro aggressions, and GBV experienced in the past but triggered during the event)

× Sexual violence/ rape with violence or coercion

× Sexual violence/ rape without physical violence or coercion (the person is unconscious or psychologically / physically unable to resist)

- × **Sexual abuse** (invasive intimate touches without penetration)
- × **Sexual harassment**
- × **Verbal** (e.g. sexist comments, insinuations)
- × **Physical/ non-verbal** (persecution, touches, groping) × **Stalking**
- × **Intimate partner violence**
- × **Verbal/ psychological**
- × **Physical/ non-verbal**
- × **Sexist discrimination due to the gender or sexual identity of the person**
(homophobia, lesbophobia, transphobia, or other forms of LGBTQIA+phobia)
- × **Physical violence due to the gender or sexual identity of the person**
- × **Sexist or misogynist social humiliation** (e.g. laughing, taking pictures to expose or make fun of someone)
- × **Other. Which?** _____

7) Support provided (support to psychological crisis, providing a physical and emotional safe space, active listening, sympathy and deconstruction of victim blaming or other internalized rape myths, awareness raising/ psychoeducation, information about GBV services in her/his/their country, information regarding formal complaint procedure)





8) Any words regarding the perpetrator? (e.g. contact with him, is he in the festival?
Means to identify him; any intervention with him?)

9) Is the person happy/ satisfied with the support received?

10) Self-assessment of the intervention (1=not satisfied - 10=very satisfied):
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Anexo 3. Fichas de ocorrências

Caso	Sexo	Idade	Tipo de VBG	Suporte prestado
FO1	Mulher	+/- 30 anos	Violência íntimo parceiro	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, contacto familiares, auxílio a sair do festival
FO2	Mulher	25 anos	Assédio sexual, assédio moral	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, informação procedimento queixa
FO3	Mulher	+/- 20 anos	Abuso sexual	Espaço seguro, escuta ativa, empatia, informação procedimento queixa
FO4	Mulher	26 anos	Receio de submissão química	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa
FO5	Mulher	28 anos	Violência sexual sem violência física ou coerção	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, informação procedimento queixa
FO6	Mulher	28 anos	Abuso sexual	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, empatia, desconstrução <i>rape myths</i> , informação procedimento queixa
FO7	Mulher	27 anos	Sem indicadores	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa
FO8	Mulher	30 anos	Violência física devido ao género ou identidade, humilhação social	Espaço seguro, escuta ativa, empatia, sensibilização/psicoeducação, informação procedimento queixa
FO9	Mulher	32 anos	Violência íntimo parceiro	Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa,

					empatia, desconstrução culpabilização da vítima, informação procedimento queixa
FO10	Mulher	27 anos	Violência sexual sem violência física ou coerção, stalking		Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, empatia, desconstrução <i>rape myths</i> , informação procedimento queixa
FO11	Mulher	+/- 25 anos	Receio de abuso sexual		Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, empatia, desconstrução <i>rape myths</i> , informação procedimento queixa
FO12	Mulher	+/- 30 anos	Violência íntimo parceiro		Apoio psicológico em crise, espaço seguro, escuta ativa, empatia, informação procedimento queixa

Anexo 4. *Focus group* análise NVivo

Consumo drogas	"Drug consumption, no matter how much it's prohibited, keeps happening,"; "We've been around for 800 years, and people just keep consuming, different things, in different patterns, but we continue because we live in a hedonistic, pleasure-driven, and, I don't know, capitalist society as well."
Educação para a sexualidade e socialização de gênero	
Homens	"and for boys, it's like they have their penis out, they can express their sexuality more openly; A man sees his penis in the mirror every day and knows that if it rubs against his pants, "it feels good", you know?"
Mulheres	"Like, for girls, everything is reserved, don't touch yourself, don't look at yourself, don't discover your body,"not like girls who have everything inside."; "I meant when I said that when we are girls, everything is more inward, or they don't teach you to touch yourself because your sexual organ is inward, you know... You don't see it in the mirror, literally."
Perfil dos agressores	"Men."; "The cases that arrive to the stand are always white tourists from England, France, Germany, wherever, who come here to let loose, and a lot of white spanish fachas"; "they only need to put the bull here on his chest, and Viva Franco and the flag. Well, that is the type, profile of the man that I attend or that I interfere with in my professional experience. In all the parties and believe me, I have been there a few times."; "Socioeconomic status, yes. I see it with those who appear to have more purchasing power"; "those who go all decked out and wear, I don't know, Adidas, and appear posh, in my experience, I've seen them commit more, I mean, with more

freedom and impunity"; "But it's like they go about it on their own and with this air of being a super macho, "I'm the king of the world." So they do it, and they don't care."

Pontos Lilás

Apoio prestado "They need to be believed, that the system, the protocol works, that there is a willingness to really accompany them in their suffering and that the woman doesn't leave traumatized for life. She can use her resilience!"; "Empathy"; "there should be coordination, communication, and above all, empathy. They shouldn't question you...the personnel of the ambulances, the police, the local police,"; "I have to justify my work"; "I have to beg the police, the coordinator, the festival owner to believe that this is happening, and that if we coordinate, we can deal with it"; "give us the ability to... empathy, communication, and coordination in healthcare teams, in drug points, or in health points at festivals. Educate - and this is not just in nightlife. It starts earlier, it starts in the classroom]."

Comunidade LGBTQ+ "Well, men do. Cisgender and transgender men... many of them."; "Transgender women are fewer, I've seen them less; "It's usually transgender men"; "And a lot of, well, queer women, lesbians"; "They openly tell you, right? Like, "I'm here holding hands with my girlfriend, and the stares are uncomfortable," you know? So, they often come to say, "Look, this guy, this man

was looking at us while we were kissing." That's why there are more queer women, lesbians coming to report, but gay men are like, "Oh, cool," I don't know what. ↓ I don't want to sound TERF,"

Diferenças
homens/
mulheres

Homens

"Yes, men debate with me all the time. All the time"; "Men question you"; "At the purple point, they even ask me for a glass for their cubata drink and a condom."; "But the guys who come to the purple point say, "Hey::, do you have condoms? I want to have sex.""; "Men. And teenagers."; "I've seen in teenagers that when girls make sexual jokes to guys, guys tend to minimise it, to laugh at it, to ridicule it."; "And then they come to the purple point and tell me [in a clumsy voice as if representing someone clumsy], "Oh, she touched my butt too, she just did it, what should I do? Do I go to the purple point to report it?" And I say, "Did you experience it as an aggression?" "No, like a joke" [imitates

	awkward laughter]. Well, no. If you experienced it as something fun, then fine."
Mulheres	"Women, on the other hand, are all grateful, right? They either sign up or take pictures of the stand, to know where it is, and send it to their daughter or friend."; "Women don't ask for anything; they just want the bracelet,"; "it's the teenage girls who come to tell me this, that someone in the group of friends touched their butt. And "Did you experience it as an aggression?" I mean, "What did you feel?" "Well, fear" [incomprehensible]. "It's not funny," you know? "I'm tired of these comments"";
Limitações	"Plus, when you go to report to the "purple point," when teenagers arrive, they're like, "Okay, but don't say I was there," right? Or they don't come directly. You see, they don't come out of fear that they'll be labeled a snitch in school and face repercussions, you know."; "it restricts a lot in terms of action and prevention"; "precariousness of the purple points"; "I think the answer is much more complicated in a public space than in a private one"; "The purple points, the intervention, feminism, it's all too much"; "There's no real political involvement, will, commitment, or a realization"; "When you try to activate that damn protocol, there's no one who gives you an answer,

no one who follows up. You give them the resources, and the resources are deficient, they're not professional"; "You have to carry out an intervention as best as you can, damn it, so it's involvement, courage, commitment. I need that in the intervention to somehow put an end to this, a little bit."; the fascists are coming, you idiot, they're just around the corner, they're closing purple dots"; "it's all about political ideology"; "I have to justify my work - because I wish I never had to do this job in my life, but someone has to do the dirty work - and I have to beg the police, the coordinator, the festival owner to believe that this is happening, and that if we coordinate, we can deal with it,"

Locais que implementam	"I've been doing purple points for years. We went to municipalities, and the cool thing about having continuity and being the same person all the time, right? Well, the same team."
------------------------------	--

Espaços privados	"we've received a lot of requests for private venues, both big and small, you know."; "When it's a private venue, everything is more coordinated, with security and all, like everyone is prepared for action."
---------------------	---

Espaços públicos	"when it's a public space, it's so large or open that I've even gone wearing a T-shirt with the logo of the local government saying "purple point" in giant letters. And... they say, "Where are you going?" and I'm like, ((laughs))
---------------------	---

		"I'm from the purple point and I need to go to the stand to start my shift"... "Oh no, but I don't know who you are, and you can't enter."
	Vantagens implementação	
	Aumento sensação segurança	"Those who are following them already know what we have, and it's always like, "Oh, thank you very much for being here," as if they already understand the purpose of the purple point"; "new 12 to 13-year-olds. I see many girls, teenagers between 12 and 16, coming like, "Wow, that's cool, thank you so much for coming and for your work." And we say to them, "You know, if anything happens, we're here, we're for this and that, help us, don't stay silent, especially in the restrooms, the hallways.""; "Q de Festa. It's a program by the Generalitat ((Catalan government)) that gives you a quality seal if you have a nightlife venue, a pub, a bar, or a festival. If you meet certain minimum requirements,"; "It means that this place is a healthy entertainment venue. So, there are minimum requirements. It

		should have water, it should have purple points, it should have bathrooms at certain intervals for so many attendees. There should be a certain number of security personnel for so many attendees, and a series of other requirements."
Principais formas de violência	de	"As teenagers they mostly use the workds, but when they are older, they already start with the groping.]"
	Adolescentes	"But I see that more when they are younger, from 16 to 18, they make a lot of comments, jokes, the "oh how exaggerated" joke, right? Invalidate the emotion of the girl who is receiving the aggression."
	Adultos	"in the purple point you can imagine the bunch of waitresses who struggle with them, "I'll trade you a line for a free drink", "I invite you to the VIP""; "I have also found pimps with prostitutes in big festivals here, in Barcelona. It's just...well, they are forced to do drugs, and they are completely out of it and they ((the pimpis)) are there like "ohh, the winners" right? But this is like the difference that I see."

Violência entre parceiros íntimos	
Casais heterossexuais	"the heterosexual couple is the one that occupies the stage, isn't it? the one that's there with the spotlight and everybody sees them."
Casais homossexuais	"I have a theory that it happens in homosexuals, but backstage, let's say. Not in the public space. It's a theory I have, but well."
Grupos etários	
16-17 anos	"When they're more adolescent, "ahh but they're like that" "they've been like that all their lives", right? it's like they care less. And they don't... they collaborate a bit less in that aspect."
18-24 anos	"much easier to intervene with the couple's older friends up to the age of 24, than when they are younger."; "Triangulate with the friends in the group, right? try to detect who they are, and go to them and say "hey, this is a space free of violence, before I get involved, you can intervene, so that it is a party with good vibes and if you need something, there is a purple point, so and so". When I intervene with older couples, like up to the age of 24, it's like "yeah, yeah,

sorry", right? it's like there's a whole... it's like they're ashamed, you know? They assume it, like that, and they say "ok, let's intervene"."

Psicoeducação "it's not just about preparing for the party, but also preparing from an early age, at home or in the family, sorry, at school because everything stays."; "I would say that things happen in all environments"; "Education yes, professionalism, yes"; "But if we don't really believe that this education can change things, if we are not able to say "look, 5-year-old girl, "open your legs and see your pussy!" "and that's your pussy, that's your clitoris, touch it, feel it" well, and also teach this to boys, right"; "Like teaching it's your body, it's yours"; "give us the ability to... empathy, communication, and coordination in healthcare teams, in drug points, or in health points at festivals. Educate - and this is not just in nightlife. It starts earlier, it starts in the classroom]."

Escola "it's not just about preparing for the party, but also preparing from an early age, at home or in the family, sorry, at school because everything stays."; "It starts earlier, it starts in the classroom]."

Família "it's not just about preparing for the party, but also preparing from an early age, at home or in the family, sorry, at school because everything stays."; "The family sees everything. It's where you learn everything"; "If I don't work with them, this kid will repeat what he's learned, in school, and he'll do it at the local festival, and there he'll go all out because he can act with impunity. Because the nightlife model is "anything goes here" and "I can go wild" and live life. So, the kid

will find an outlet in that space and that's where things will get really messed up, you know?"

Vida noturna

"If I don't work with them, this kid will repeat what he's learned, in school, and he'll do it at the local festival, and there he'll go all out because he can act with impunity. Because the nightlife model is "anything goes here" and "I can go wild" and live life. So, the kid will find an outlet in that space and that's where things will get really messed up, you know?"
